

## EXPRESSIVIDADE ESTÉTICA E DECOMPOSIÇÕES IMAGÉTICAS NA CONTEMPORANEIDADE

Bruno Pucci<sup>1</sup>

**Resumo:** No contexto da proposta do Seminário “Decomposições Imagéticas da Condição Humana em Tempos Desafiadores” – que se propõe a fazer aproximações entre o que chamamos de ‘nova’ condição humana e a necessidade de uma educação estético-formativa, a fim de propor uma educação crítica e criativa que possa se contrapor às formas reducionistas da educação contemporânea –, vou dialogar com as obras de Theodor Adorno: *Minima Moralia* (1944-1947), *Dialética do Esclarecimento* (1944), *Dialética Negativa* (1966), *Teoria Estética* (1970) e *Educação e Emancipação* (1971) – na busca de imagens cognitivas, metafóricas, afetivas, que podem ser pensadas contra a predominante racionalidade instrumental, como também na construção de uma proposta educacional mais adequada aos difíceis dias (em) que estamos vivendo.

**Palavras-chave:** Tempos Desafiadores; Imagens cognitivas, metafóricas e afetivas; Obras de Theodor Adorno; Perspectivas de uma proposta educacional.

## AESTHETIC EXPRESSIVITY AND IMAGETIC DECOMPOSITIONS CONTEMPORANEOUSLY

**Abstract:** In the context of the proposal of the Seminar “Imagetic Decompositions of the Human Condition in Challenging Times” - which proposes to make approximations between what we call the ‘new’ human condition and the need for an aesthetic-formative education, in order to propose a critical and creative education that can oppose the reductionist forms of contemporary education –, this paper dialogues with the works of Theodor Adorno: *Minima Moralia* (1944-1947), *Dialectic of Enlightenment* (1944), *Negative Dialectic* (1966), *Aesthetic Theory* (1970) and *Education and Emancipation* (1971) – in the search for cognitive, metaphorical, affective images that can be thought against the predominant instrumental rationality, as well as in the construction of an educational proposal more suitable to the difficult days (in) which we are living.

**Keywords:** Challenging Times; Cognitive, metaphorical, and affective images; Theodor Adorno's works; Perspectives of an educational proposal.

Vivemos, como nos diz a realidade social, tempos desafiadores. De um lado, o desenvolvimento técnico-científico do neoliberalismo avança cada vez mais, atinge todas as dimensões da sociedade – a indústria, o comércio, o setor agrário, a saúde, a educação, o lazer, a vida individual, familiar, religiosa, esportiva e social de cada um de nós –, propiciando-nos novas formas de viver, de nos relacionarmos com o outro;

---

<sup>1</sup> Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1982). Aposentado na Universidade Federal de São Carlos. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5833-399X>.

colocando a nosso dispor objetos tecnológicos que nos surpreendem, que nos fazem ir além de nós mesmos.

De outro lado, o progresso científico-tecnológico e o crescimento econômico não foram colocados a serviço de toda a humanidade, na construção da paz e da vida; ao contrário, se transformaram em instrumento de concentração de renda, de desigualdade social, de submissão de povos e de nações, em instrumentos de dominação e de guerras. “A humanidade hoje, no ápice do desenvolvimento científico-tecnológico, é marcada pela fome, pela miséria, pela exclusão de milhões de seres humanos, definitivamente condenados ao atraso e ao subdesenvolvimento”<sup>2</sup>. Gostaria de explicitar alguns dos “aspectos problemáticos” que estão não apenas gerando, mas ampliando, intensificando o *mal-estar* civilizatório nos dias de hoje, entre eles: a fome, o desemprego, o subemprego, a uberização dos serviços.

*Olhe para a Fome!* O número de pessoas atingidas pela fome, em todo mundo, segundo o Relatório da ONU, em 2021 chegou a 828 milhões, uma alta de 46 milhões em um ano<sup>3</sup>. No Brasil, a insegurança alimentar se agrava e a fome segue crescendo. No fim de 2020, 19,1 milhões de brasileiros conviviam com a fome; em 2022, são 33,1 milhões de pessoas sem ter o que comer<sup>4</sup>. *Não dá para esconder, não dá para aceitar!*

*Trabalho, emprego, previdência?* A taxa de desemprego no 2º. Trimestre de 2022 caiu de 11,1% para 9,3%, segundo a “Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Trimestral”, de 12/08/2022. Mas o número de desempregados continua muito alto: 10,1 milhões de pessoas. Por sua vez, o número de trabalhadores informais é estimado em 39,3 milhões. Fazem parte dessa população os trabalhadores sem carteira assinada, empregadores sem CNPJ, além de trabalhadores familiares auxiliares<sup>5</sup>. Nos últimos anos, um modelo mais flexível de

---

<sup>2</sup>AMARAL, R. “A fome é um legado capitalista”. Roberto Amaral: Pensar o Brasil, 13/08/2022. Disponível em: [https://mail.google.com/mail/u/0/#search/A+fome+%C3%A9+um+legado+capitalista/FMfcqzGqPzB\\_WQLRLpLZQFTFBDfgDhjnD](https://mail.google.com/mail/u/0/#search/A+fome+%C3%A9+um+legado+capitalista/FMfcqzGqPzB_WQLRLpLZQFTFBDfgDhjnD) Acesso em: 18 ago.2022.

<sup>3</sup> Cfr. Relatório da ONU. *Estado da Segurança Alimentar e Nutrição no Mundo 2022-FAO*. Disponível em: <https://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/1585484/> Acesso em: 18 ago. 2022.

<sup>4</sup> Cfr. *Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil*. Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/>. Acesso em: 18 ago. 2022.

<sup>5</sup> Cfr. Taxa de desocupação cai para 9,3% no segundo trimestre. In *Agência IBGE Notícias*. 29/07/2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de->

trabalho foi criado no contexto dos empregos informais: a *uberização*, “no qual o profissional presta serviços conforme a demanda e sem que haja vínculo empregatício”, como é o caso dos aplicativos de entregas e transportes. As consequências atuais dessa nova forma de trabalho são humilhantes para os trabalhadores: jornada de trabalho exaustiva, baixa remuneração e perda dos direitos trabalhistas: férias, descanso aos finais de semana, afastamento do trabalho por doenças e/ou por acidentes sem remuneração, sem aposentadoria<sup>6</sup>. Um outro dado a ser considerado, neste contexto, é o *piso salarial*: “o número de trabalhadores brasileiros que recebiam até um salário-mínimo (R\$ 1.212,00), no 1º. trimestre de 2022, chegou a 38,22% do total da força de trabalho”, cerca de 36,414 milhões de pessoas<sup>7</sup>.

No contexto da proposta deste evento científico-educativo, como expusemos no Resumo deste artigo – vou dialogar com as obras de Theodor Adorno: *Minima Moralia* (1944-1947), *Dialética do Esclarecimento* (1944), *Dialética Negativa* (1966); *Teoria Estética* (1970) e *Educação e Emancipação* (1971), na busca de imagens cognitivas, metafóricas, afetivas, que, como sinais, pistas, podem ser pensadas e adotadas na tensão contra a predominante racionalidade instrumental, como também na construção de uma proposta formativa, educacional mais adequada aos difíceis dias (em) que estamos vivendo.

I - Início a busca por “imagens cognitivas, metafóricas, afetivas” pelo livro *Mínima Moralia*, Aforismo n. 50, *Lacunas*, em que o frankfurtiano descreve a densa luta pela criação do conhecimento, não como uma dádiva que vem de fora, mas sim como resultado do intenso trabalho racional, em tensão com manifestações da corporeidade, da sensibilidade, em suas expressões miméticas, na construção da experiência como uma árdua conquista que o sujeito adquiriu e que se integra à sua

---

[noticias/noticias/34498-taxa-de-desocupacao-cai-para-9-3-no-segundo-trimestre](https://noticias/34498-taxa-de-desocupacao-cai-para-9-3-no-segundo-trimestre)> Acesso em: 18 ago. 2022.

<sup>6</sup> Cfr. RAMOS, D. “Uberização do trabalho: o que e quais as suas consequências”. *Conecta*, 06/05/2022. Disponível em: <<https://coonecta.me/uberizacao-do-trabalho-o-que-e-quais-suas-consequencias/#:~:text=O%20conceito%20de%20uberiza%C3%A7%C3%A3o%20do,sem%20que%20haja%20v%C3%ADnculo%20empregat%C3%ADcio>> Acesso em: 19 ago. 2022.

<sup>7</sup> Cfr. Informações da UOL. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2022/06/06/trabalhadores-que-ganham-ate-um-salario-minimo-chegam-a-38.htm>>. Acesso em: 19 ago. 2022.

personalidade. Nessa perspectiva, a luta pela construção do conhecimento se transforma na luta pela construção da vida:

(...) os conhecimentos não caem do céu. Ao contrário, o conhecimento se dá numa rede onde se entrelaçam prejuízos, intuições, inervações, autocorreções, antecipações e exageros, em poucas palavras, na experiência, que é densa, fundada, mas de modo algum transparente em todos os seus pontos. (ADORNO, 1992, p. 80)

No Aforismo 66, *Melange*<sup>8</sup>, Adorno aborda um problema específico da realidade social, que é a luta pelo respeito às diferenças entre as pessoas em uma determinada sociedade – diferenças de raça, de cor, de gênero, de religião, de ideias. De um lado, questiona a afirmação de uma igualdade abstrata entre as pessoas que, na prática, se expressa como “má igualdade”, vigente com intensidade em seu tempo, e, também, nos dias de hoje, em nossa realidade brasileira, particularmente, “nos interessados em armamentos”. E finda sua reflexão com uma proposta emancipatória e eminentemente formativa:

(...) uma sociedade emancipada não seria nenhum estado unitário, mas a realização efetiva do universal na reconciliação das diferenças. A política que ainda estiver seriamente interessada em tal sociedade não deveria propagar a igualdade abstrata das pessoas sequer como uma ideia. Em vez disso, ela deveria apontar para a má igualdade hoje, para a identidade entre os interessados no cinema e os interessados em armamentos, pensando, contudo, a situação melhor como aquela na qual é possível ser diferente sem ter medo. (ADORNO, 1992, p. 89)

A terceira e última citação metafórica das *Minima moralia* que trago para nossa análise e que pode nos reforçar no questionamento do tempo em que estamos vivendo e nos propiciar possibilidades de construção de uma educação crítica e criativa, se encontra no último aforismo e se denomina *Para Terminar*. Cito parte desse aforismo:

A filosofia, segundo a única maneira pela qual ela ainda pode ser assumida responsavelmente em face do desespero, seria a tentativa de considerar todas as coisas tais como elas se apresentariam a partir de si mesmas do ponto de vista da redenção. O conhecimento não tem outra luz além daquela que, a partir da redenção, dirige seus raios sobre o mundo: tudo o mais exaure-se na reconstrução e permanece uma parte da técnica. Seria produzir

---

<sup>8</sup>*Melange*, termo francês, que significa: mistura, mixagem, reunião, cruzamento de raças.



perspectivas nas quais o mundo analogamente se desloque, se estranhe, revelando suas fissuras e fendas, tal como um dia, indigente e deformado, aparecerá na luz messiânica. Obter tais perspectivas sem arbítrio nem violência, a partir tão somente do contato com os objetos, é a única coisa que importa para o pensamento. É a coisa mais simples de todas, porque a situação clama irrecusavelmente por esse conhecimento, mais ainda, porque a perfeita negatividade, uma vez encarada face a face, se consolida na escrita invertida de seu contrário. (ADORNO, 1992, p. 215-216)

Qual a finalidade da filosofia hoje, no contexto do mundo administrado pela razão instrumental e reconstruído pela tecnologia abrangente e opressiva? Ciente da situação danificada do mundo dos homens, deve a filosofia, na perspectiva de uma sociedade emancipada, dirigir suas luzes sobre o mundo, questionando-o radicalmente, produzindo possibilidades de deslocamentos, de brechas, de saídas. “O único caminho que resta ao homem, em confronto com aquela situação ideal verdadeiramente justa e desejável, só pode ser o do esclarecimento reflexivo, que se alimenta na arte e se reveste na forma de um processo educacional” (PUCCI, 1988, p. 33). Adorno, a partir das influências judaicas de seu pai e de Walter Benjamin e, também das influências católicas de sua mãe, utiliza uma terminologia teológica secularizada e dá a ela a forma de uma teologia negativa.

Algumas passagens do texto nos chamam a atenção, como esta: “Obter tais perspectivas sem arbítrio nem violência, a partir tão somente do contato com os objetos”. Adorno, dialético-materialista, destaca a proeminência do objeto em relação ao sujeito, bem como questiona a sociedade quando delimita o trato das coisas à sua dimensão puramente funcional. Ao mesmo tempo, questiona o uso, por parte da razão crítica, das mesmas armas que geraram a realidade totalitária da sociedade. Para ele, “a perfeita negatividade” – o questionamento radical e a práxis social desenvolvida a partir dessa dimensão – “encarada face a face, se consolida na escrita invertida de seu contrário”, ou seja, lhe abre perspectivas de questionamentos profundos e de mudanças sociais radicais. Essa afirmativa adorniana caracteriza a força, a potencialidade de sua dialética negativa. “A intransigência da crítica não lhe é um instrumental teórico para caracterizá-lo como alguém sempre-do-contrário e sim a utilização mais plena das potencialidades da filosofia na interpretação da realidade, da qual depende a verdadeira práxis” (PUCCI, 1988, p. 33). Ao mesmo tempo, o

pensamento crítico se sente desafiado na obtenção de seus resultados práticos, pois sua luta implacável é contra os senhores do mundo, do processo produtivo e das relações mercadológicas.

Levantei, pois, das *Minima Moralia*, três imagens metafóricas que podem nos levar a pensar e também a agir na dimensão educacional: “os conhecimentos não caem do céu”; a luta por uma sociedade emancipada, na qual “é possível ser diferente sem ter medo”; o questionamento radical e a práxis social desenvolvida a partir dessa dimensão na perspectiva de mudanças sociais radicais.

II - *A relação com a tecnologia intensifica, potencializa a frieza burguesa.* Vou buscar na *Dialética do Esclarecimento*, de Adorno e Horkheimer, de 1944, apenas uma citação metafórica que dialoga criticamente com o uso da tecnologia pelos senhores do mundo a serviço da dominação da natureza e dos homens:

O saber que é poder não conhece nenhuma barreira, nem na escravização da criatura, nem na complacência em face dos senhores do mundo. Do mesmo modo que está a serviço de todos os fins da economia burguesa na fábrica e no campo de batalha, assim também está à disposição dos empresários, não importa sua origem. (...). A técnica é a essência desse saber, que não visa conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho de outros, o capital. (...). O que os homens querem aprender com a natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa. (...). O que importa não é aquela satisfação que, para os homens, se chama “verdade”, mas a *operation*, o procedimento eficaz. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 20)

Em diálogo com a citação acima, sobre o uso do saber, da técnica, a serviço da dominação do homem e da natureza pela economia burguesa, trago uma outra consideração de Adorno, de sua conferência de abril de 1965, “Educação após Auschwitz”:

Um mundo em que a técnica ocupa uma posição tão decisiva, como acontece atualmente, gera pessoas tecnológicas, afinadas com a técnica. (...). Por outro lado, na relação atual com a técnica existe algo de exagerado, irracional, patológico. (...). Os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força com vida própria, esquecendo que ela é a extensão do braço dos homens. Os meios – e a técnica é a essência dos meios para a autopreservação da espécie humana – são fetichizados, porque os fins – uma existência digna do ser humano – são encobertos e desconectados da consciência humana. (ADORNO, 1995, p. 132)

III - *Pensar é, já em si, negar, resistir ao que lhe é imposto* (ADORNO, 2009, p. 25). A ênfase no momento da negação da dialética foi sistematizada por Adorno, no livro *Dialética Negativa*, de 1966, porém o conceito de “dialética negativa” acompanha o pensador desde seus escritos filosóficos da década de 1930, como “A atualidade da Filosofia” (1931), *Minima Moralia* (1944-1947), “O ensaio como forma” (1954-1958), *Introducción a la dialéctica* (1958, curso) e tantos outros ensaios. Para fins desta exposição, vamos abordar três fragmentos do livro *Dialética Negativa*, em que imagens e metáforas alvissareiras são-nos apresentadas como subsídios para se pensar e propor uma teoria crítica da sociedade e da educação. Destacamos a análise dos aforismos “O Privilégio da Experiência Filosófica” (ADORNO, 2009, p. 42-44), “Coisa, Linguagem, história” (2009, p. 52-53) e de extratos das “Meditações sobre a Metafísica” (2009, p. 299-337).

1). Em “O privilégio da Experiência Filosófica”, 19º aforismo da “Introdução” da *Dialética Negativa*, Adorno lança luzes e questionamentos sobre problemas educacionais contemporâneos<sup>9</sup>. Vamos analisar apenas alguns tópicos do referido aforismo, que se inicia com a seguinte tese: “Em uma oposição brusca ao ideal de ciência corrente, a objetividade de um conhecimento dialético precisa de mais, não de menos sujeito. Senão a experiência filosófica definha” (ADORNO, 2009, p. 42). A dialética negativa, em contraposição à dialética hegeliana e à semelhança do materialismo histórico, na tensa relação entre sujeito e objeto, busca resgatar no objeto o que ele tem de reprimido, de esquecido pelo conceito. Mas, priorizar o objeto, não significa desprestigiar o sujeito; antes, é necessário um esforço persistente do sujeito na tentativa de o conceito se aproximar do não-conceitual e esse exercício exige a atuação de um sujeito forte e persistente; pois “trata-se da construção da objetividade do conhecimento dialético; trata-se da construção de experiências filosóficas” (PUCCI, 2016, p. 147).

---

<sup>9</sup> Analisei o aforismo 19 da *Dialética Negativa* no ensaio “O privilégio da experiência filosófica no processo educacional”, apresentado como “Comunicação Científica” no 3er Congresso Latino-americano de Filosofia de la Educación, na cidade do México, em 2015. Este ensaio, com pequenas modificações, foi publicado em 2016, na Revista *Comunicações* (PPGE-Unimep), vol. 23, n. 3, p. 145-155.

O termo experiência – no alemão *Erfahrung* – foi adquirindo historicamente uma densidade conceitual na construção do sujeito em busca do conhecimento; ele é resultado da constância, da determinação do entendimento frente aos desafios que as contradições sociais cobram de seus integrantes; exige tempo de maturação, de elaboração e se contrapõe à multiplicidade de funções e apelos que o aceleração da vida contemporânea nos impõe, obrigando-nos a emitir respostas rápidas e desenvolver mobilidade permanente. A esse atropelo do cotidiano, Benjamin denominou-o *Erlebnis*, vivência. Adorno, no aforismo em análise, está se referindo à “experiência filosófica”, que, para ser construída precisa de sujeitos reflexivos e criativos que, ao mesmo tempo em que se dirigem ao objeto para se deixarem permear por ele, tomam distância de seu outro, num auto recolhimento meditativo, para melhor poder captá-lo e expressá-lo (Cfr. ADORNO, 2009, p. 33). Senão a experiência filosófica definha.

Em continuidade ao Aforismo 19 da *Dialética Negativa*, Adorno ressalta que “o espírito positivista é alérgico” a fazer experiências, a valorizar a força do sujeito. Segundo o espírito positivista, “nem todos são capazes de uma tal experiência. Ela constituiria o privilégio de indivíduos, um privilégio determinado por suas disposições e história de vida” (*Idem*, 2009, p. 42). Adorno concorda, em parte, com a postura dos positivistas; mas, questiona-os profundamente pelo fato de priorizarem os experimentos em suas teorias, e enfraquecerem a ação do sujeito.

Seria fictício supor que entre as condições sociais, sobretudo as condições sociais da educação, que encurtam, talham sob medida, estropiam multiplamente as forças produtivas espirituais, que com a indigência reinante no domínio da imaginação e nos processos patogênicos da primeira infância diagnosticado pela psicanálise, mas de modo algum realmente transformado por ela, todos poderiam compreender ou mesmo apenas notar tudo. (ADORNO, 2009, p. 42)

As condições socioculturais em que as crianças e os jovens são educados – na família, na escola, na sociedade --, de um lado não favorecem o desenvolvimento de indivíduos autônomos e críticos; de outro lado, o próprio sistema dominante, através dos meios de comunicação de massas e, hoje em dia, pelas tecnologias digitais, se encarrega de manter as pessoas ocupadas e submissas aos desígnios dominantes.



Para os positivistas, privilegiados são aqueles poucos dotados que, por questões sociais ou por um dom específico, conseguem utilizar-se da razão e da investigação científica na construção de experiências científicas. Não se pode exigir isso de todos os indivíduos. Para Adorno, os privilegiados são os poucos que têm condições de produzirem experiências filosóficas formativas e se contrapõem criticamente a esse mundo administrado, e podem fazê-lo, porque ainda não foram completamente burilados pelo sistema. Mas se essa situação de privilégio de poucos é uma conquista individual e social, ela se torna ao mesmo tempo um imperativo ético. É o que diz o frankfurtiano logo a seguir, numa oração incisiva e, ao mesmo tempo, ética e emancipatória:

Cabe àqueles que, em sua formação espiritual, tiveram a felicidade imerecida de não se adaptar completamente às normas vigentes – uma felicidade que eles muito frequentemente perderam em sua relação com o mundo circundante – expor com um esforço moral, por assim dizer por procuração, aquilo que a maioria daqueles em favor dos quais eles o dizem não consegue ver ou se proíbe de ver por respeito à realidade. (ADORNO, 2009, p. 43)

No contexto social de prevalência da integração ao sistema, em que vivemos, o realizar experiências filosóficas se transforma em privilégio, em “felicidade imerecida”: a felicidade de se integrar no mundo em que se vive e de ser, ao mesmo tempo, crítico, autônomo em relação a ele. Essa “felicidade imerecida”, foi fruto de lutas ingentes e tem um preço: a responsabilidade dos que a vivem para com os que não conseguem vivê-la. Em ser, através de suas ideias (teoria, escritos) e de suas práticas (atividades, organizações), um porta-voz, um como que procurador dos que não conseguem ter consciência de sua submissão ao sistema; e também dos que se violentam a si mesmos e se proíbem de se posicionar contra o sistema porque isso pode lhe trazer mais problemas (PUCCI, 2016, p. 150-151).

Em um mundo de ideologias e fanatismos, como o que hoje vivemos, em que estar fora do sistema, do grupo, ser estrangeiro, ser negro, ser homossexual, é ser estranho, mal visto, torna-se ainda mais difícil a missão dos “imerecidamente felizes”. No entanto, agarrar-se com convicção à experiência filosófica, mesmo sendo um anacronismo para os positivistas e para os ideólogos do sistema, se torna, em tempos

de tecnologias digitais, uma grande esperança, uma possibilidade de dias melhores (Cfr. ADORNO, 2010, p. 39).

**2).** “Coisa, Linguagem, história”, *Dialética Negativa*: (2009, p. 52-53). Vamos analisar, neste aforismo, o tópico “A experiência da dialética se desenvolve a partir da coisa e não do método”. Para Adorno, em diálogo com Marx, “É a coisa e não o impulso à organização, próprio do pensamento, que provoca a dialética” (2009, p. 126). Ele não nega a participação ativa do sujeito, mas prioriza as contradições que se manifestam nas coisas, nos acontecimentos e que levam “o sujeito a conhecer, a pensar, a interpretar, a se posicionar, a intervir; e, portanto, a construir experiências formativas”<sup>10</sup>. Destaco e comento, nessa perspectiva, três citações incisivas do Aforismo:

**a)** “A exatidão idiossincrática na escolha das palavras, como se elas devessem denominar a coisa, não é a menor das razões pelas quais a exposição é essencial à filosofia” (ADORNO, 2009, p. 52). É através da palavra que se busca dizer o que a coisa é. Escolher com exatidão, com ternura, os termos mais apropriados para nomear um objeto é, “de certa maneira, mergulhar em sua intimidade, perscrutar suas contradições, observar com atenção e pertinência os elementos que lhe foram subtraídos, marginalizados, e fazer justiça ao que o objeto é” (PUCCI, 2022, p. 8).

**b).** A segunda citação do aforismo apresenta novas nuances:

Aquilo graças ao que a dialética negativa penetra seus objetos enrijecidos é a possibilidade da qual sua realidade os espoliou, mas que, contudo, continua reluzindo em cada um deles. No entanto, mesmo junto ao empenho extremo por expressar linguisticamente uma tal história coagulada nas coisas, as palavras empregadas permanecem conceitos. (...). Daí o sedimento de arbítrio e relatividade que se apresenta tanto na escolha das palavras quanto na exposição como um todo. (ADORNO, 2009, p. 52)

Objetos, instituições, expressões, com o correr do tempo se revestem, por assim dizer, de uma segunda natureza, como que paralisam a história que pulsava dentro delas, se transformam em realidades sedimentadas e nos dão a impressão de que a realidade sempre foi assim. É função da dialética negativa, em seu propósito de

<sup>10</sup> O tópico “A experiência da dialética a partir da coisa e não do método” faz parte do ensaio de PUCCI, A Experiência Formativa nas Reflexões Estético-Filosóficas de Theodor Adorno, 2022, p. 1-19.

buscar a verdade das coisas, penetrar no interior desses objetos enrijecidos, para descoagular a história neles estagnada. É preciso, como dizia Walter Benjamin (1993, p. 225), “escovar a história a contrapelo”, para ouvir os gritos de dores e de injustiça que estão nela sufocados.

c). A terceira citação do aforismo destaca aspectos fundamentais dessa operação racional:

Somente os conceitos podem realizar aquilo que o conceito impede. O conceito é um *trosas iásetai*. O erro determinável de todo conceito obriga a que se evoque outros; é daí que emergem aquelas constelações para as quais unicamente passa alguma coisa da esperança contida no nome. É pela negação do nome que a linguagem filosófica se aproxima do nome. O que ela critica nas palavras, sua pretensão de uma verdade imediata, é quase sempre a ideologia de uma identidade positiva, essente, entre a palavra e a coisa. (ADORNO, 2009, p. 53)

Para Adorno, o conceito, ciente de sua incapacidade de dizer com plenitude aquilo que a coisa é, se serve de sua própria potencialidade, para remediar suas falhas. “O conceito é um *trosas iásetai*”; à semelhança de Telefo que foi ferido gravemente por Aquiles e teve sua ferida curada com a ferrugem da lança do próprio Aquiles – aquilo que fere também cura –, o conceito supre as suas deficiências através dele mesmo<sup>11</sup>. E a façanha vai além, pois ele é obrigado a evocar outros conceitos nesse processo de realizar-se a si mesmo e, dessa busca intensa, surge uma constelação de denominativos, que vão circundando o objeto, desvelando aspectos dantes não evidenciados e se aproximando mais e mais de sua identidade desejada e intencionada. É no exercício de tensionar ao máximo o conceito com o objeto, de friccionar com persistência a palavra e a coisa, que o conceito prossegue em sua lida de afinidades e de aproximações com o objeto (Cfr. PUCCI, 2022, p. 9-10).

---

<sup>11</sup> Essa expressão-chave se apresenta com inúmeras variantes nos aforismos da *Dialética Negativa*. Eis algumas delas: “o conceito pode ultrapassar o conceito e assim aproximar-se do não-conceitual”; “A utopia do conhecimento seria abrir o não-conceitual com conceitos (...)”; “A reflexão filosófica assegura-se do não-conceitual no conceito”; “Os conceitos (...) visam algo para além de si mesmos”; “Somente os conceitos podem realizar aquilo que o conceito impede” (ADORNO, 2009, p. 16; 17; 19; 18; 53).

**3).** “A irrevogável queda da metafísica esmagou a formação”<sup>12</sup>. Adorno, nas “Meditações sobre a Metafísica”, 3º capítulo da Parte 3 da *Dialética Negativa*, desenvolve reflexões sobre a queda da metafísica e sua passagem da transcendência das categorias abstratas para a imanência das necessidades vitais e se interroga se a dialética, nessa transição, “não transgrediria o seu conceito rigoroso de negatividade” (2009, p. 335). Vamos analisar quatro eixos histórico-reflexivos que apontam na direção da queda da Metafísica.

**1º eixo histórico-reflexivo:** “O curso da história conduz ao materialismo aquilo que tradicionalmente foi o seu oposto, a metafísica” (ADORNO, 2009, p. 302). De fato, a metafísica tradicional prevaleceu como filosofia dominante de Platão até Marx. Suas categorias ahistóricas iluminaram, de forma hegemônica, as reflexões dos filósofos ocidentais durante cerca de 23 séculos e nortearam a abordagem dos principais problemas existenciais que desafiaram os humanos nesse período. É verdade que seus opositores, aqueles que valorizavam as experimentações, desde os nominalistas dos séculos XIV e XV e, sobretudo, os empiristas ingleses do século XVII e XVIII, questionaram as reflexões idealistas dos metafísicos. Hume até perturbou o sono dogmático de Kant; mas este continuou insistindo na existência da metafísica, senão como ciência, ao menos enquanto uma forma de pensar. Os amantes da sabedoria foram percebendo que os interesses metafísicos dos homens estavam profundamente abalados com os tremores e as novas contradições do momento histórico e que deviam colocar os pés no duro chão da realidade e desenvolverem uma percepção mais acentuada dos interesses materiais dos seres humanos (Cfr. ADORNO, 2009, p. 330).

**2º Eixo histórico-reflexivo:** Adorno defende a tese de que a micrologia é o lugar da metafísica. Esta abandona o *totum* dos conceitos tidos como absolutos para mergulhar no múltiplo, no subterrâneo do não-idêntico. É para as coisas aparentemente insignificantes (Houaiss), para “a escória do mundo dos fenômenos”

---

<sup>12</sup> Essa expressão foi utilizada por Adorno, em seu ensaio “Teoria da Semiformação”, de 1959, quando questionava os obstáculos culturais que o sistema capitalista de seu tempo impunha ao indivíduo na busca de sua autonomia, entre eles, o desprestígio da filosofia na educação formal. Cfr. PUCCI, 2014, p. 257.



(Freud), para a observação do particular concreto (Benjamin), que ela deve se voltar. Para o frankfurtiano, “um dos impulsos míticos que se secularizaram na dialética foi a doutrina da relevância do intramundano, do histórico, contra aquilo que a metafísica tradicional havia destacado como transcendência” (ADORNO, 2009, p. 299; 333).

**3º Eixo histórico-reflexivo:** o absoluto, para a metafísica negativa, é o não-idêntico, que só se manifesta depois que a coerção à identidade for dissipada (ADORNO, 2009, p. 336). Aqui, Adorno está usando Hegel contra o próprio Hegel, pois não existe nada no mundo que seja absoluto, muito menos o espírito, a razão. Se existisse um absoluto, esse seria o não-ente, aquele elemento constitutivo do objeto que foi subjugado no *aufhören* hegeliano; e que, de certo modo, se encontra oculto e diluído na relação de identidade, que o filósofo projetou, entre o todo, a ideia, e seu objeto, a realidade histórica. Somente com o decreto do fim da identidade hegeliana é possível resgatar as determinações que constituem o objeto em seu vir-a-ser histórico. Então, será o não-ente a ser procurado e a vir à tona como o elemento primordial da experiência metafísica. É o que afirma Adorno: “Reside na determinação de uma dialética negativa que ela não se aquiete em si, como se ela fosse total; essa é sua forma de esperança” (...) “Nada absoluto pode ser expresso senão em materiais e em categorias de imanência” (ADORNO, 2009, p. 336; 337).

**4º Eixo histórico-reflexivo:** Se os três eixos histórico-filosóficos apresentados priorizaram o objeto, o intramundano, este último eixo se detém no outro elemento da dialética, o sujeito do conhecimento: “uma experiência metafísica negativa exige força, resistência, fantasia do sujeito e reclama a autorreflexão do pensamento, que também precisa, para ser verdadeiro, pensar contra si mesmo” (ADORNO, 2009, p. 302); é preciso um sujeito reflexivo forte, persistente, que articule em seu pensar a razão e a fantasia; trata-se de construir uma “experiência (*Erfahrung*) metafísica negativa”, que exige o envolvimento integral do sujeito do conhecimento, que pensa contra si mesmo, e nesse envolver-se, carrega (*fahren*) em seu eu os resultados de sua façanha. O termo “experiência metafísica” é utilizado de forma abundante e expressiva nos aforismos das “Meditações sobre a Metafísica”.

Nesse processo transformativo da Metafísica, as categorias tradicionais, que lhe deram sustentabilidade histórica, não são abandonadas e sim “invertidas na

tendência de sua direção”, pois, quando uma categoria se transforma, por meio da dialética negativa, a constelação de todas as categorias se modifica e, com isso, cada uma delas se modifica também. O livro *Dialética Negativa* analisa a “inversão” de três categorias metafísicas pela dialética negativa: essência, infinitude e profundidade<sup>13</sup>. Essas categorias provêm da tradição filosófica, mas são convertidas na tendência da metafísica negativa.

“Um tal pensamento é solidário com a metafísica no instante de sua queda”. É esta a última oração das “Meditações sobre a Metafísica” (ADORNO, 2009, p. 337). Há uma ambiguidade na expressão “queda da metafísica”, que pode ser entendida no sentido de a metafísica tradicional, que tantas contribuições reflexivas trouxe ao homem ocidental, também, como todo ser vivo, ter seu momento de ocaso; como, sobretudo, no sentido benfazejo de que a metafísica caiu das alturas das ideias para se colocar, no chão da realidade, a serviço da liberação do não-ente, dos elementos reprimidos pela sua consorte mais antiga. O duplo sentido dos conceitos, utilizados não só na literatura, mas também nos ensaios e aforismos de Theodor Adorno, dão mais vida e expressão aos conceitos.

Estas são, pois, algumas das imagens metafóricas que fomos buscar na *Dialética negativa*: 1) – Do Aforismo “O Privilégio da Experiência Filosófica”: a responsabilidade ético-político-educacional dos que “tiveram a felicidade imerecida de não se adaptarem completamente às normas vigentes”; 2) – Do Aforismo “Coisa, Linguagem, história”: a exatidão e a ternura na escolha dos conceitos e das palavras para expressar, o mais verdadeiramente possível, a essência das coisas; e a dialética negativa em sua função de “penetrar no interior dos objetos enrijecidos para descoagular a história neles estagnada”; 3). Dos extratos das “Meditações sobre a Metafísica”: a metafísica caiu das alturas das ideias para, de mãos dadas com o materialismo dialético, se colocar no chão da realidade a serviço da liberação dos elementos reprimidos pela abstração do conceito.

**IV - E as imagens na *Teoria Estética*, de Adorno? Há uma infinidade de metáforas, comparações, alegorias no referido livro, em que predominam reflexões**

---

<sup>13</sup> Cfr. Aforismos da *Dialética Negativa*: “Essência e Aparência” (2009, p. 144-147); “Infinitude” (2009, p. 19-22); “Profundidade” (2009, p. 23).

estético-filosóficas e análises mimético-rationais sobre a arte e as obras de arte. Destacamos algumas citações em que essas metáforas se manifestam de forma expressiva: “Mais do que trágica, toda a arte é triste, sobretudo aquela que parece serena e harmoniosa” (ADORNO, 2011, p. 52); “Toda arte moderna, para ser bela, para proporcionar, realmente, algo de felicidade, tem que ser, necessária e indispensavelmente dissonante” (ADORNO, 2013, p. 117); “Ao estarem “aí”, as obras de arte postulam a existência de um não-existente e entram assim em conflito com a sua não-existência real” (ADORNO, 2011, p. 96). Neste tópico vamos nos deter principalmente na análise de algumas imagens dialéticas do aforismo “Atitudes a respeito da práxis: efeito, vivência, comoção” (ADORNO, 2011, p. 362-370) e de aforismos próximos que compõem o item “Sociedade” do livro *Teoria Estética* (2011).

**a) - A relação da arte com a teoria enquanto práxis:**

A arte necessita de permanente autocorreção deste momento ideológico. É capaz disso porque, sendo a negação da essência prática, é ao mesmo tempo também práxis, e não apenas pela sua gênese, isto é, pelo fazer, de que precisa todo o artefato. Se o seu conteúdo se move em si mesmo, se não permanece idêntico, então as obras de arte objetivadas tornam-se, na sua história, comportamentos práticos e viram-se para a realidade. A arte é aqui uma só coisa com a teoria. Repete em si, modificada e, se se quiser neutralizada, a práxis e assim toma posição. (ADORNO, 2011, p. 363)

Para Adorno, a obra de arte moderna é um ser vivo; como tal, carrega em si uma história, a história da época em que foi gestada, e, nessa perspectiva, se caracteriza como a “historiografia inconsciente de seu momento”. Mas não só isso: ela ultrapassa seu momento de gestação; “seu conteúdo, que se manifesta sedimentado na forma, se move, não permanece o que era, no contexto de novas contradições sociais, no olhar exigente de novos contempladores” (AQUINO; ROMEIRO; PUCCI, 2015, p. 158). E tanto no momento em que foi elaborada, quanto em momentos posteriores, a obra de arte, que proveio da sociedade, se volta para essa mesma sociedade, problematizando-a, assumindo uma postura crítica e uma forma de práxis. “Assim como o filósofo pode intervir na sociedade através de suas análises e reflexões, também o artista pode fazê-lo, de maneira prática, através de suas imagens e de suas construções estéticas” (AQUINO; ROMEIRO; PUCCI, 2015, p. 158).

**b) - A relação dialética da arte com a práxis é a do seu efeito social:**

Pode duvidar-se que as obras de arte se empenhem politicamente; quando isso acontece é quase sempre de modo periférico; se elas se esforçam por tal, costumam desaparecer sob o seu conceito. O seu verdadeiro efeito social é altamente indireto, participação no espírito que contribui, por processos subterrâneos, para a transformação da sociedade e se concentra nas obras de arte; adquirem tal participação apenas pela objetivação. (ADORNO, 2011, p. 364)

As manifestações do efeito social das obras de arte atestam que seu empenho político, quando acontece, se dá “quase sempre de modo periférico, indireto, por processo subterrâneos, enquanto uma “participação do espírito (...) para a transformação da sociedade”. Essa participação do espírito se relaciona à intervenção de “contempladores privilegiados”, que desenvolvem pressupostos necessários para captar sua energia. “E elas expressam esse potencial crítico e político a partir de sua simples existência na sociedade e do desafio que lançam a seus atentos intérpretes” (AQUINO; ROMEIRO; PUCCI, 2015, p. 159).

Para Adorno, a práxis não é um efeito externo das obras, mas brota de seu conteúdo de verdade e, nessa perspectiva, “o *engagement* pode-se tornar uma força estética produtiva”, em contraposição ao pragmatismo partidário da interpretação de Brecht. É o que o frankfurtiano vislumbra na análise do efeito social de “Os sofrimentos do Jovem Werther”, de Goethe:

Obras sem tendência como o *Werther*, contribuíram consideravelmente para a emancipação da consciência burguesa na Alemanha. Ao apresentar o choque entre a sociedade e o sentimento daquele que se sentia mal amado até à sua aniquilação, Goethe protestava eficazmente contra o espírito pequeno-burguês endurecido, sem o nomear. (ADORNO, 2011, p. 372)

**C).** A experiência de interpretação da obra-de-arte enquanto “*irrupção da objetividade na consciência subjetiva*”. Certamente inspirado por Walter Benjamin, Adorno tensiona, no aforismo, os conceitos de experiência (*Erfahrung*) e de vivência (*Erlebnis*) no ato de contemplação/interpretação da obra de arte e se utiliza de imagens incisivas e de metáforas persuasivas para, de forma mais elaborada, expressar os conceitos.



Para Adorno, “a vivência é apenas um momento de tal experiência e um momento falível”; em que o receptor “se esquece e desaparece na obra”. A experiência da contemplação plena, porém, é muito mais que uma vivência, é a “irrupção da objetividade na consciência subjetiva”. Supõe, sim, instantes de profundas emoções, em que o contemplador “deixa de sentir o chão debaixo de seus pés”. E, continua de forma mais entusiasmada: “Semelhante imediatidade na relação com as obras, no pleno sentido da palavra, é função da mediação, de uma experiência considerável e englobante; esta intensifica-se no instante e para isso precisa da consciência total e não de estímulos e reações pontuais” (ADORNO, 2011, p. 368-369).

E o filósofo vai mais a fundo na descrição dessa experiência estética. Esse experimentar de forma intensa a intimidade da obra exige do contemplador uma decisão, um posicionamento: “que sua experiência seja relatada através de ideias e de juízos; que ele se torne o porta-voz daquela que se desnudou a seu olhar demorado e persuasivo” (AQUINO; ROMEIRO; PUCCI, 2015, p. 162). E Adorno não se contém, e apresenta de forma intensa e metafórica sua experiência de contemplador:

O abalo intenso, brutalmente contraposto ao conceito usual de vivência, não é uma satisfação particular do eu, e é diferente do prazer. É antes um momento da liquidação do eu que, enquanto abalado, percebe os próprios limites e finitude. Esta experiência é contrária ao enfraquecimento do eu, que a indústria cultural promove. (...). A arte é assim, para o sujeito, metamorfoseada no que ela é em si, porta-voz histórico da natureza oprimida e, em última análise, crítica perante o princípio do eu, agente interno da opressão. A experiência subjetiva oposta ao eu é um momento da verdade objetiva da arte. (ADORNO, 2011, p. 369-370)

A “*irrupção da objetividade na consciência subjetiva*”. Talvez, seja esta a metáfora mais expressiva de Adorno na descrição da experiência estética de uma obra de arte como práxis, no aforismo analisado.

Esse juízo caracteriza com argúcia e pertinência a forma como a obra de arte, à semelhança da teoria, age como uma força viva e luminosa no espírito dos que dela se aproximam com respeito, paciência e persistência. A irrupção é como que a explosão de algo vivo que vem de dentro, atinge com intensidade seu contemplador, e lhe propicia o contato íntimo com o conteúdo de verdade que ela carrega em suas entranhas. É evidente que a “erupção da

objetividade”, esse *tour de force*, é fruto de um intenso esforço de imersão e de emersão, exige pressupostos, se faz através de múltiplas tentativas, reconfigura experiências, transforma-se em um impulso prático da consciência. (AQUINO; ROMEIRO; PUCCI, 2015, p. 169)

A forte e luminosa imagem da “irrupção da objetividade na consciência subjetiva” só pode se transformar em uma práxis na pólis, só pode ser um momento ímpar na formação da consciência daquele que viveu essa intensa experiência; ele, “à semelhança do que escapou das trevas da caverna e contemplou plenamente a luz, a verdade, vai ter que voltar até os seus e expressar eficazmente a sua felicidade”; como um privilegiado imerecido foi tocado internamente por uma imensa responsabilidade e se sentirá alegremente impelido a compartilhar sua experiência com os outros (AQUINO; ROMEIRO; PUCCI, 2015, p. 162-163).

**Para Terminar:** Na tentativa de pensar e propor uma educação crítica e criativa em contraposição às formas reducionistas da educação contemporânea, em diálogo com as obras de Theodor Adorno, apresentei e analisei um conjunto de “imagens cognitivas, metafóricas e afetivas”, que podem ser refletidas e adotadas na tentativa da construção de uma proposta formativa mais adequada aos difíceis dias (em) que estamos vivendo.

## Referências

ADORNO, T. **Minima moralia**: Reflexões a partir da vida danificada. Trad. de Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Editora Ática, 1992.

ADORNO, T. Educação após Auschwitz. In **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, T. **Dialética Negativa**. Trad. de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

ADORNO, T. Teoria da Semiformação. In: PUCCI, B; ZUIN, A.A.S.; LASTÓRIA, L. A. C. N. **Teoria Crítica e Inconformismo**: novas perspectivas de pesquisa. Campinas: Autores Associados, 2010, p. 07-40.

ADORNO, T. **Teoria Estética**. Trad. de Artur Morão. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2011.

ADORNO, T. **Estética** – 1958-1959. Trad. de Silvia Schwarzböck. Buenos Aires: Las Cuarenta, 2013.

ADORNO, T. e HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

AQUINO, L. C. de; ROMEIRO, A. E; PUCCI, B. A obra-de-Arte como Práxis. **Artefilosofia** (UFOP), v. 19, 2015, p. 156-171.

BENJAMIN, W., Sobre o Conceito de História. In **Magia e Técnica, Arte e Política**: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. Obras Escolhidas Vol 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993, p. 225.

PUCCI, B. Filosofia da Educação: para quê? **Revista Perspectiva** (UFSC/Florianópolis), vol 16, n. 29, 1998, p. 23-43.

PUCCI, B. O Privilégio da Experiência Filosófica no Processo Educacional. **Revista Comunicações** (PPGE-Unimep), vol. 23, n. 3, 2016, p. 145-155.

PUCCI, B. Dialética Negativa: Filosofia e Metafísica – tensões”. **Inter-ação** (UFG. Online), v. 39, n. 2, p. 257-270, 2014.

PUCCI, B. A Experiência Formativa nas Reflexões Estético-Filosóficas de Theodor Adorno. **Revista Perspectiva** (UFSC), online, Vol. 40, p. 1-19, 2022.